

**Paisagem estrangeira: memórias de um  
bairro judeu no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007, 142 pp.

Título curioso para um livro de História Urbana. Paisagem estrangeira. Se paisagem é a naturalização de uma conformação espacial para uma determinada sociedade, ou como diria Milton Santos,<sup>1</sup> a naturalização da forma-objeto que é intrínseca às relações sociais estabelecidas no lugar, em princípio não haveria paisagem estrangeira. Vejamos então o roteiro percorrido pela autora para dar conta do título proposto.

Fruto de pesquisa, o livro tem como objeto a interface construída entre a experiência social da colônia judaica no Rio de Janeiro no final do século XIX/ início do XX e um cadinho de chão do Rio de Janeiro: no caso a Praça Onze. Tarefa hercúlea que a autora se propôs é bem sucedida, ou seja, trabalhar com a naturalização de uma materialidade urbana, que de natural não tem nada, e as relações sociais tecidas pelo grupo naquele espaço em um período que foi até o fim do Estado Novo. As pistas e o método utilizados pela Fania podem se transformar em rotina de pesquisa entre os pesquisadores que se debruçam sobre as cidades e o urbano.

O território judaico é descortinado por meio do diálogo com as fontes<sup>2</sup>, mediado por conceitos como bairro e comunidade. Há a proposta de ler o bairro a partir das relações sociais construídas pelo grupo,

estas étnicas por excelência, fugindo assim da noção administrativa que permeia o conceito. Território étnico no coração do Rio, a Praça Onze foi o 'porto seguro' para os judeus, assim como o foi para os 'baianos'. O que teria aquela materialidade de tão especial que permitiria a construção de tantos territórios étnicos? Fania responde em parte. Ao traçar como a população da cidade e o Estado fizeram a inserção do mangal de São Diogo ao espaço urbano, a autora começa a delinear a construção do suporte material do bairro judeu. É o primeiro momento de pesquisa, e este recurso é imprescindível para o entendimento da ocupação do lugar e dos vários agentes que intervieram nos espaços da cidade ao longo do tempo; ela já havia feito isto em os *Donos do Rio*.<sup>3</sup> Mas a autora não para por aí, ela inova ao incorporar as memórias da população em sua problematização,

o que permite entender a construção do território judaico.

Memórias no plural, a vida começa a ser descortinada e o bairro deixa de ser uma abstração, uma mancha no mapa, para ser um território com muita diversidade e cheio de conflitos. As várias procedências dos judeus e suas estratégias de inserção em uma sociedade tradicionalmente desigual e espacialmente segregadora, precisamente em um período em que ocorria no espaço urbano a tensa passagem da lógica escravista para a capitalista<sup>4</sup>, acaba por transformar o lugar em uma miríade de imagens difusas para cidade. Bairro Judeu, Pequena África, lugar de Boêmia....

A chegada dos judeus coincide com a chegada dos baianos ao lugar, e a convergência destes dois grupos não pode ser respondida apenas pela degradação ambiental da região e as razões da economia urbana, e é isto que autora faz, não se deixa levar apenas pela materialidade, fruto dos planos, projetos, do capital e do Estado. Monta um intrincado quebra cabeça que leva em consideração as experiências sociais de quem ali se fixou, e a vida comunitária dos judeus no centro do Rio desvela-se. As redes de solidariedades e o cotidiano são expostos de forma que seu argumento central acaba ganhando inteligibilidade, e a drástica cirurgia da abertura da Presidente Vargas<sup>5</sup> não foi tanto para dar passagem à avenida, mas para eliminar do cora-

ção da cidade um território que pulsava diferente daquele desejado pela ditadura do Estado Novo.

Baianos e judeus deveriam ser retirados da Praça Onze, e quem sabe os ciganos, os portugueses e italianos também, falta-nos pesquisa; não porque fossem estrangeiros, mas por serem parte integrante da cidade, por estarem definitivamente integrados em suas diferenças à malha urbana. Quituteiras e mascates 'tipos curiosos' das ruas do Rio, capoeiras e polacas preocupações da polícia, naturalizados na paisagem carioca que se conformava, eram estrangeiros para o Estado Republicano. A 'Fúria Regeneradora' do bota abaixo do início do século XX foi uma das tentativas de tornar estrangeiro tudo aquilo que o Estado não controlava com sua ação disciplinadora. A idéia de paisagem estrangeira ganha então sentido. A existência de uma Praça Onze Vermelha, e o título não poderia ser mais apropriado, foi uma das razões de seu desaparecimento. Assim, trazer à tona estas memórias que não desapareceram com o fim de seu suporte material é um libelo de uma cidade que ainda teima em existir nas sinagogas e nos terreiros.

O livro abre várias possibilidades de pesquisas, seja aprofundando eventos que os historiadores ainda não trabalharam muito bem, como foi a existência da fazenda dos judeus

em Resende, ou aprofundar questões conhecidas. Dimensionar como se conformaram as relações sociais entre os negros e os judeus, já que ambos utilizavam o mesmo suporte material é premente para o conhecimento das cidades que habitaram/habitam o Rio. Algumas pistas são dadas, inclusive pela autora, quando mostra que a 'cultura judaica' prescinde do espaço na constituição de seus territórios, na medida em que há comunidade onde existe uma sinagoga e isto pode ocorrer em qualquer lugar, inclusive no centro do Rio, no início do século XX.

Neste sentido, algumas similitudes podem feitas com os negros. A comunidade baiana que se estabeleceu na Praça Onze buscou recriar aquela África mítica contida nos ritos do candomblé, e sob a orientação de mãe de santo formava um grupo rigidamente hierarquizado, onde a religião e a tradição oral mantiveram-no coeso e ajudaram a constituir as redes de solidariedades. Sem suporte espacial e com muito axé para abrir os caminhos, essa tradição sobreviveu nas sombras da cidade. Isso não parece familiar?

O convívio dos diversos grupos naquele chão merece ser estudado, pois malandros, comunistas, sambistas, prostitutas, ioruba e iídiche, formaram um grande caldeirão cultural difícil de ser apreendido pelo Estado, principalmente porque os classi-

ficava como classes populares, cujo sinônimo era a barbárie e incivilidade, e, sob essa premissa atuava.<sup>6</sup>

As classes dominantes que se apropriaram do Estado em suas esferas municipal e federal, procuraram disciplinar a população a partir de seus próprios valores, isto é, aqueles relacionados à submissão do trabalho ao capital. Negros e judeus fugiam, em alguma medida e ao seu modo, daquele modelo, necessitando, portanto da ação disciplinadora do Estado.

Uma nova 'especialidade especialíssima' emergiu junto com os problemas urbanos. O urbanismo colocando-se desde o início como apto à normatizar e disciplinar a população nas cidades, tornou-se instrumento privilegiado do Estado. A nova ciência que ao mesmo tempo é arte ocupou-se de retirar do coração da cidade, em nome de um projeto de modernização excludente, os vários territórios que tinham outros de modo de viver. Para acabar com duas tradições de lutas distintas destruíram a Praça Onze.

Muito trabalho de pesquisa ainda precisa ser feito para dar conta desta nova cidade que emerge, mas o primeiro passo foi dado, esta é a grande novidade do livro. Mérito para a autora que ao longo das páginas coloca de forma clara e objetiva todo o esforço de pesquisa e seu trabalho conceitual.

A Praça Onze vista como bairro judeu, paisagem estrangeira e lugar de memórias de um grupo que fez de um pedaço de chão do Rio uma comunidade, mostra a possibilidade de lê-la historicamente enquanto texto; este produzido a partir de uma série de mediações e conflitos. Mesmo dentro de todo estranhamento que aquela materialidade pode comportar, principalmente pelo seu desaparecimento, ela teve a capacidade de aglutinar e misturar fazendo da população carioca o produto das tensas relações sociais estabelecidas nos vários espaços da cidade. A muito leal e heróica cidade de São Sebastião surge então como a esquina entre a Europa e a África,<sup>7</sup> *locus* privilegiado onde o devir materializa-se em casas, ruas e praças. Ao terminar o livro fica-se com a sensação que tem judeu no samba!

Lúcia Silva

Universidade Severino Sombra

#### Notas e Referências:

- 1 Milton SANTOS, *Da Totalidade ao Lugar*. São Paulo: Edusp, 2005 e Milton SANTOS. *Pensando o espaço do Homem*. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2007.
- 2 E. P. THOMPSON. *Miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- 3 Fania FRIDMAN. *Os Donos do Rio em nome do rei: Uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor /Garamond, 1999.
- 4 Maurício de ABREU. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Jorge Zahar editor, 1988 ; Jaime Larry BENCHIMOL. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes/DGDIC, 1990. (Biblioteca Carioca 11).
- 5 Evelyn F Werneck LIMA. *Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes/DGDIC, 1990. (Biblioteca Carioca 12).
- 6 Lúcia SILVA. *Luzes e Sombras na cidade. no rastro do Castelo e da Praça Onze*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas/DGDI, 2006. (Biblioteca Carioca 47).
- 7 Antonio Herculano LOPES. *Entre a Europa e a África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/Topbooks, 2000.